

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

GEOVANI BRAGA BUCCI

“POR TRÁS DO MEGATRON”

**LIVRO-REPORTAGEM SOBRE BAILE FUNK, UMA VIVÊNCIA CULTURAL DAS
PERIFERIAS**

SÃO PAULO

2º SEMESTRE / 2021

GEOVANI BRAGA BUCCI

“POR TRÁS DO MEGATRON”

LIVRO-REPORTAGEM SOBRE BAILE FUNK, UMA VIVÊNCIA CULTURAL DAS
PERIFERIAS

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. José Maurício Conrado Moreira da Silva.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE / 2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Dedico este trabalho a todas as histórias que não foram contadas. E a todas que serão a partir daqui. Que o jornalismo seja um agente que contribua para os avanços da humanidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus queridos pais, Regiane e Alfredo, que sempre fizeram questão de me proporcionar o que se há de melhor no âmbito dos estudos e do conhecimento.

À minha avó Maria Iusi de Oliveira Braga, a pessoa mais forte que eu já conheci, e que infelizmente, nos deixou em 2019. Sempre carregarei a sua força e suas palavras de carinho para onde eu for.

Aos meus professores, que lapidaram o profissional que sou hoje e ensinaram tudo o que eu sei sobre jornalismo e o que é ser jornalista. Em especial, ao meu orientador José Maurício, que me ajudou a encaminhar esse projeto da melhor maneira que eu pude imaginar.

Aos meus colegas de turma, em especial à Caroline Priami, uma amiga em um milhão e à Lucas Berretta, cuja parceria foi uma das melhores surpresas que tive nesses anos acadêmicos.

Aos meus amigos da vida, Nelson, Beatriz, Vinícius, Bruno, Julia e Alexandre.

Aos meus colegas de trabalho, sobretudo à Victória Prado, que torna os meus dias mais leves e à minha chefe Graziela Castro, uma líder firme e com coração enorme que me inspira todos os dias.

Às famílias de Denys Henrique Quirino da Silva e Dennys Guilherme dos Santos Franco, que abriram seus corações para que eu pudesse preencher as páginas deste livro. E a todos que se disponibilizaram para que eu pudesse narrar essas histórias tão profundas.

E por fim, por toda a resiliência ao enfrentar barreiras mentais e emocionais, a mim mesmo, por mais presunçoso que possa parecer. Inclusive, creio que as pessoas deveriam agradecer mais a si mesmas. Muitas pessoas não têm consciência do poder que possuem.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata-se de um livro-reportagem que aborda os meandros dos bailes funk, uma forma de expressão cultural das periferias, sob a ótica das pessoas que o vivenciam, na cidade de São Paulo. Por meio de jornalismo literário, inspirado nos conceitos do novo jornalismo de Tom Wolfe e outros grandes nomes, foi realizada uma reportagem construída sob o olhar dos frequentadores dos bailes, produtores de música do gênero musical funk e das famílias dos adolescentes que morreram no massacre do Baile da 17, em Paraisópolis, no ano de 2019. O objetivo é trazer o olhar das pessoas que moram nas periferias e frequentam esses espaços de manifestação cultural para o foco da abordagem, o que muitas vezes não é feito pela cobertura tradicional que traz o tema à tona geralmente quando há casos de violência ou segurança pública envolvidos. Dessa forma, o livro “Por Trás do Megatron” consegue contar as suas histórias sob o viés de quem as vivencia, de maneira aprofundada e humanizada, priorizando suas experiências e pontos de vista.

Palavras-chave: 1. Baile funk 2. Periferia. 3. Livro-reportagem 4. Jornalismo literário.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis is a book-report that addresses the intricacies of funk balls, a form of cultural expression of the peripheries, from the perspective of the people who experience it, in the city of São Paulo. Through literary journalism, inspired by the concepts of the new journalism of Tom Wolfe and other famous names, a report was carried out built under the eyes of the regulars of the balls, music producers of the funk music genre and the families of the teenagers who died in the massacre of Baile da 17, in Paraisópolis, in 2019. The objective is to bring the look of people who live in the peripheries and attend these spaces of cultural manifestation to the focus of the approach, which is often not done by the traditional coverage that brings up the theme usually when there are cases of violence or public safety involved. Therefore, the book "Behind the Megatron" can tell its stories under the bias of those who pass through them, in depth and humanized, prioritizing their experiences and points of view.

Keywords: 1. Funk balls. 2. Periphery 3. Reporting-book 4. Literary journalism.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. A Cultura das Periferias	11
2.2. O <i>New Journalism</i> e o Livro-Reportagem	12
2.3. Humanização de Indivíduos e o Jornalismo	15
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	16
3.1. Concepções de Conteúdo	16
3.2. Personagens	17
3.3. Concepções estéticas	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Este projeto descreve e embasa a realização de um livro-reportagem, que se utiliza de jornalismo literário para fazer uma abordagem sobre a cultura das periferias da cidade de São Paulo por meio da própria ótica periférica, tendo como principal conceito o baile funk.

O funk carioca é um gênero de música eletrônica de percussão¹ dançante derivado do soul *music*, com influências de ritmos como R&B, rock e o chamado Miami Bass². Após um processo de nacionalização, há uma ramificação em diversas vertentes, como funk *melody*, funk consciente e funk *proibidão*. Atualmente, há ainda mais ramificações principalmente em virtude do hibridismo resultante das influências regionais do país, como o “brega funk” que se popularizou em 2019. E os bailes configuram-se como eixo central desse movimento, isto é, neles o funk é expresso e consagrado. (VIANNA, 1987, p.44) (SOUZA, 2020, Online) (BRAGANÇA, 2020, p.23, p.66).

Nos anos 1970, o radialista Big Boy (1943-1977) começou a promover os "Bailes da Pesada" do Canecão, no Rio de Janeiro. Nessa região, a juventude carioca se reunia. Alguns anos depois, nos anos 1980, os bailes funk cresceram e alguns se tornaram grandes eventos de rua. De acordo com as matérias jornalísticas que eram publicadas na época e a pesquisa do antropólogo pioneiro no tema Hermano Vianna, o funk já reunia cerca de um milhão de pessoas nos 700 bailes que estavam espalhados pelas zonas oeste e norte da cidade. (LOPES, 2011, p.24).

O movimento tornou-se ainda maior com o lançamento do disco “Funk Brasil” por DJ Marlboro, tornando-se palatável ao mercado e ao mundo empresarial. Até então, as letras das músicas abordavam a temática de drogas, armas e a vida nas favelas. E mais tarde surgiram as letras com forte conotação sexual. (ESSINGER, 2005, p. 17-30) (LOPES, 2011, p. 24-25).

¹ Os instrumentos de percussão são aqueles que necessitam ser percutidos (batidos), agitados, raspados ou friccionados para que produzam os sons.

² Miami Bass é um subgênero do Hip Hop que se tornou popular nos EUA e países da América Latina nos anos 80 e 90. Ele é conhecido por usar a batida continuada da caixa de ritmos Roland TR-808 e dança sincopada.

Por sua vez, a identidade do funk brasileiro se alterou devido à ascensão social da classe C brasileira na contemporaneidade, início do século XXI. Atualmente, as letras remetem ao luxo e à conquista de sair da favela. Tal tendência se originou com o funk ostentação de São Paulo, que descentralizou a vertente carioca e inspirou a configuração atual. (LOPES, 2009, p. 381).

Entretanto, o movimento do funk é alvo de estigmatização por conta dos preconceitos e discriminações contra o estilo de vida e da origem racial dos funkeiros. Durante a Ditadura Militar (1964-1985), o gênero musical foi alvo das mais diversas investidas legais de coibição, por órgãos do governo. E apesar de liberdade de expressão ser um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, diversas tentativas de interdição foram realizadas nos anos 1990 e 2000 e houve um projeto de lei de criminalização do funk, tramitado recentemente, em 2017. (BRAGANÇA, 2020, p. 29-30).

“No Rio de Janeiro, a criminalização desses jovens forjou-se pela criminalização de suas sociabilidades, estilos de vida e fruição cultural. [...] Após rápida passagem pelos cadernos culturais, o funk se torna tema de segurança pública. Funk = violência. Funkeiro = bandido. Baile funk = lugar de violência e de bandidos.” (FACINA, 2020, prefácio)

Diante desse contexto, o projeto tem como objetivo principal investigar e compreender a expressão cultural das periferias, o baile funk, de forma aprofundada, humanizada e sem preconceitos, de modo que, seja possível escrever um livro-reportagem a partir do ponto de vista das pessoas que o vivenciam diretamente, utilizando-se do jornalismo literário nos moldes do *new journalism*.

Tendo como referência o ensaio *The New Journalism*, escrito por Tom Wolfe em 1973, o jornalismo literário retornou aos holofotes nos anos 1960 e 1970, conquistando notoriedade e reconhecimento por fugir dos padrões comuns e da superficialidade empregados pelos veículos tradicionais. “[...] Os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu ‘imediatismo’, sua ‘realidade concreta’, seu ‘envolvimento emocional’, sua ‘qualidade absorvente’ ou ‘fascinante’.” (WOLFE, 2005, p. 53).

Logo, é possível inferir que essa “vertente” jornalística não é apenas capaz de produzir algo que promova uma transgressão estilística, mas também, de provocar sentimentos no leitor ao narrar histórias, dentre eles, a empatia.

São histórias encantadoras, honestas, corajosas, sem pieguices, nem disfarces. Os autores realmente se atiraram no mundo individual-social que os intrigava, criando empatia conosco de várias maneiras: pela inspirada observação de padrões cotidianos; pela recuperação de memórias aparentemente perdidas; pelo contato com mundos diferentes dos seus; ou pela incursão certa rumo ao entendimento das coisas que estavam bem debaixo do seu nariz. Tudo isso sem necessidade de re-re-reinventar a roda. Tudo isso apenas resgatando o que o jornalismo mais sabe (ou deveria saber) fazer: reportar em profundidade. (VILAS BOAS, 2007, p.8).

A partir disso, formulou-se a seguinte pergunta problema: quais as técnicas do *new journalism* são mais adequadas para escrever um livro-reportagem sobre baile funk e cultura das periferias?

O fundamento teórico do tema para a execução do projeto é baseado em obras e pesquisas de especialistas sobre o funk como *Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca* (2011), de Adriana Carvalho Lopes, *O mundo funk carioca* (1997), de Hermano Vianna, e *Preso na gaiola: a criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil* (2020), de Juliana da Silva Bragança.

Já a peça jornalística tem embasamento nas características elencadas pelos livros *Radical Chique e o Novo Jornalismo* (1963), de Tom Wolfe, *Livro-Reportagem* (2006) de Eduardo Belo e *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009), de Edvaldo Pereira Lima.

Para viabilização e desenvolvimento da peça, foram realizadas 12 entrevistas para a construção de uma investigação de como a experiência cultural do baile funk se dá. No livro-reportagem, são narradas as histórias desses personagens, visando imersão e identificação entre leitor e obra, transportando-o para a realidade que está sendo narrada e possibilitando uma visão de “dentro” das periferias ao vivenciar suas manifestações de cultura.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A Cultura das Periferias

Deve-se compreender que existem dois mundos culturais no Brasil. Distanciando-se do conceito pré-estabelecido no século XIX de cultura popular e cultura erudita, existe a cultura da periferia e a cultura de fora da periferia. (SOUZA, 2020, Online).

Na contemporaneidade, o entretenimento das comunidades periféricas se volta para os bailes funks e as batalhas de rap. Trata-se de uma bolha social reduzida ao isolamento das áreas centrais, onde o conteúdo cultural é feito deles para eles mesmos. (SOUZA, 2020, Online).

A favela é um território marginalizado, construído no interior de uma sociedade fundada no mito da democracia racial. [...] Tal mito foi utilizado não só para interditar a formação de uma identidade negra no Brasil como também para apagar o conflito de raça existente na nação. (LOPES, 2009, p. 376).

Diante da representação do baile funk como um antro de criminalidade, ressaltar que os funkeiros eram também vítimas da violência urbana e não necessariamente promotores dela, e da higienização³ cultural promovida pelo mercado musical, é dever do jornalismo retratar a identidade e a existência dessas pessoas sem qualquer influência do pensamento elitista hegemônico. (BRAGANÇA, 2020, p. 157) (LOPES, 2011, p. 79).

Se o discurso hegemônico aciona atos de fala para constituir e delimitar a favela como um “espaço” dominado pelo tráfico de drogas, os MCs com os seus atos de fala líricos fornecem um outro tipo de existência para esses territórios. (LOPES, 2009, p. 380).

As acusações de condescendência com o tráfico por sua vez tornam-se algo generalista, uma vez que toda uma população preta e pobre é criminalizada e tratada

³ Para comercialização, músicas de funk são “higienizadas”, isto é, tem as partes mais pesadas “censuradas” para interessar às classes econômicas mais altas. (SOUZA, 2020, Online).

como uma inimiga por meio de recortes e interpretações advindas da construção da realidade. E então, são vítimas de ações policiais que alteram o Estado de Bem-estar Social para o Estado Penal. Um exemplo é a tragédia de Paraisópolis, em 1º de dezembro de 2019, em que 12 PMs foram denunciados pelo Ministério Público por homicídio doloso. (FACINA, 2009, Online) (CYMROT, 2011, p.103) (G1, 2021, Online).

2.2. O *New Journalism* e o Livro-Reportagem

A contracultura surge na desilusão da população em relação ao *American Way Of Life*⁴ depois da Segunda Guerra Mundial. A “imprensa underground” então ganha espaço e eclode através do ressurgimento do jornalismo literário. (DEMÉTRIO, 2007, p. 75).

Os Estados Unidos passavam por uma verdadeira “reforma cultural”: os hippies estavam por toda parte com uma ideologia de paz e amor, lutando contra a guerra do Vietnã, tocando o Rock and Roll e o Blues. A Literatura Beat, chamada por muitos críticos na época de “subliteratura”, estava em seu auge. (SOUZA, MOREIRA, 2020, Online).

O conceito de contracultura baseia-se na irreverência e combate aos padrões estéticos e sociais impostos. O termo foi originado a partir de um discurso teórico que teve origem na obra do sociólogo estadunidense Theodore Roszak, que analisava os movimentos contrários à guerra do Vietnã, combate ao racismo e a liberdade sexual. (DEMÉTRIO, 2007, p. 77).

Foi nesse contexto que surgiu o chamado novo jornalismo mergulhado na Literatura com fortes características realistas e naturalistas. “No realismo não se constroem representações fundamentadas num suposto valor de uma linguagem equivalente a realidade, mas a realidade da linguagem propriamente dita” (DEMÉTRIO, 2007, p. 77).

⁴ Expressão aplicada ao culto do estilo de vida estadunidenses por parte dos próprios e pelos países capitalistas durante a Guerra Fria.

Em 1946, John Hersey havia publicado no *The New Yorker* uma série de reportagens, posteriormente transformadas em um livro chamado *Hiroshima* e se tornaria um marco no jornalismo, que reconstitui o dia da explosão da bomba atômica no Japão.

O estilo de Hersey marcaria a produção jornalística norte-americana, influenciando outros redatores do *The New Yorker*, como Truman Capote, Norman Mailer, Tom Wolfe e Gay Talese. Capote, aliás, com a publicação do livro de reportagem em série *A Sangue Frio*, em 1966, reivindica para si a invenção de uma nova forma literária: o romance de não-ficção [...]. (MONTANA, 2009, p. 37).

Lançado em 1981, o romance *A Mulher do Próximo*, de Gay Talese captou a efervescência sexual dos anos 1960 e 1970 investigando a vida privada dos estadunidenses puritanos e entrevistando pessoas ligadas aos veículos comerciais que enfrentavam a censura e o conservadorismo da época, como Hugh Hefner, o fundador da *Playboy*.

As técnicas literárias permitiram que Talese realizasse uma reportagem que detalhava cenas de teor erótico explicitamente, quando ainda havia censura política em relação a temas libertinos não muito tempo atrás. Isso, obviamente, foi bastante transgressor para a época e chocou os leitores.

Depois de pôr os livros sobre a escrivaninha e tirar o casaco, Harold abriu a revista nas fotografias de Diane Webber nua. Ficou perto da cama segurando a revista com a mão direita e, com os olhos semicerrados, esfregou suavemente a mão esquerda na frente das calças [...]. (TALESE, 1981, p. 21).

Essa é a evidência de que o livro-reportagem pode ser a forma mais íntima e profunda de se abordar um tabu social. Trata-se do que o próprio Gay Talese disse ao programa *Roda Viva* da TV Cultura (Online, 2011) “[...] o jornalismo deveria manter-se à parte e acima das influências promovidas por lobistas, propagandas e, às vezes, por pessoas que acham que a sua verdade é a correta [sic].”

Com o *New Journalism*, era possível tirar o leitor da sua zona de conforto. Uma das técnicas era fazer com que o leitor, por meio do narrador, “dialogasse”

com os personagens da história, de forma que houvesse uma forte interação e conexão. (RITTER, 2013).

[...] era quase uma consequência direta do profundo interesse que havia na sociedade pelas histórias humanas, contadas de forma saborosa e muitas vezes em séries de reportagens. Uma parte do público fazia questão de guardar aqueles retratos de época, e a ideia de transformá-los em livro acabou parecendo bastante natural. (BELO, 2006, p. 25).

Nesse sentido, ganha destaque o livro-reportagem que é um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em alto grau de amplitude, e, portanto, superior ao tratamento dos meios de comunicação tradicionais como jornais, revistas ou meios eletrônicos. (LIMA, 2009).

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 26) “por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema com foco nos aspectos extensivo e intensivo”. Logo, é o formato jornalístico que mais abrange a profundidade contextual e a dimensão humana.

Os principais aspectos do livro-reportagem seriam a possibilidade de traçar um panorama do tema, abordando toda a sua complexidade e apurar com detalhes sobre quem são os personagens envolvidos, os seus dramas, peculiaridades e como o contexto geral influencia no dia a dia desses personagens. (LIMA, 2009).

No livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, Tom Wolfe elenca algumas das principais características necessárias para se fazer uma reportagem literária. A descrição e a ampla caracterização física e psicológica de personagens são uma das mais importantes. Absolutamente tudo deve ser minuciosamente detalhado o que pode contribuir para a percepção de várias informações implícitas.

O uso de diálogos, recurso essencialmente literário, e oralização, manter as palavras ditas por fontes sem correção para norma padrão, são técnicas vitais para o leitor imergir no texto. “O diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso.” (WOLFE, 2005, p. 54).

Obras brasileiras contemporâneas como *Abusado* (2003) de Caco Barcelos e *Cidade de Deus* (1997) de Caio Amorim reutilizam as técnicas dos jornalistas estadunidenses e até da revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, expoentes máximos do jornalismo literário brasileiro. Portanto, são referência de como se aplicar essas técnicas atualmente para abordar assuntos essencialmente brasileiros e dar voz às pessoas oprimidas socialmente. Pode ser observado nessas obras:

[...]1) construção de ambientes e cenários; 2) construção dos personagens; 3) tempo – tensão, distensão e reviravoltas narrativas; 4) a voz ou vozes presentes e predominantes, a aproximação com a linguagem das favelas e o envolvimento do autor, seja como testemunha do fato, seja pelas digressões [...]; 5) os destinos a que a narrativa conduz o leitor, que temas, objetivos e visão de mundo estão por trás dos fatos narrados. (FONTANA, 2009, p. 108,109).

2.3. Humanização de Indivíduos e o Jornalismo

“O novo jornalismo [...] propõe-se a fomentar a recuperação do prazer e do desejo de descobrir as pessoas, o contexto social em que vivem, no qual a narrativa teria uma marca autoral, inovadora.” (ALVES, SEBRIAN, 2008, Online).

Por meio do conceito supracitado, entendemos de que se trata jornalismo humanizado, que se trata de humanizar as técnicas profissionais em prol de uma construção textual que seja plural e do reconhecimento por parte do leitor que é uma história de um ser humano real.

Por sua vez, essa abordagem pode corrigir problemas das abordagens comuns sem profundidade, que por fim corroboram com a criminalização generalizada que teve início nos anos 1990. (BRAGANÇA, 2020, p.142).

O livro *A Vida que Ninguém Vê* (2006) de Eliane Brum, é composto por diversos contos, que configuram o gênero perfil, e acaba utilizando-se desses conceitos em sua produção e pode ser visto como uma referência.

Através deste formato (o perfil), sem dúvida, podem ser construídos verdadeiros retratos jornalísticos baseados na vida cotidiana,

configurando-se num bom revelador do estilo da época e dos atores que elaboram o conhecimento coletivo. (SILVA, 2010, p. 406)

Para fazer esse tipo de jornalismo, deve-se enfrentar a hipocrisia de um país inteiro, assumindo a “vivência dos seres excluídos” da sociedade. Dessa forma, tornando-se um repórter marginal, a favor das minorias. (BULHÕES, 2007, p. 183).

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

3.1. Concepções de Conteúdo

A partir do fundamento teórico apresentado, a peça jornalística referente a este relatório foi concebida como um livro-reportagem, utilizando-se de jornalismo literário inspirado nas obras do *new journalism*, com o objetivo de romper com os padrões tradicionais de cobertura sobre os bailes funk e a cultura das periferias.

Tal rompimento se dá tanto pela abordagem, que não é superficial nem relacionada estritamente à casos de segurança pública ou violência, mas também pela ausência da prevalência de preconceitos, o que é garantido pelo destaque dado às histórias de vida das fontes. O conjunto dos entrevistados oferece um panorama completo do que é a vivência dessa manifestação cultural e ainda possibilita uma experiência sensorial dos bailes pelo leitor por meio das histórias de vida das pessoas que frequentam esses eventos ou ganham a sua vida por meio deles.

Há uma espécie de metalinguagem se o referencial da peça for analisado em paralelo com o tema, visto que da mesma forma que a bossa nova foi concebida por Tom Jobim a partir do jazz misturado com samba, sendo uma importação cultural, o funk de DJ Marlboro fez o mesmo por meio do *soul music*. E nessa peça jornalística, há uma importação do *new journalism*, originado no exterior, e adaptado a uma realidade e tema próprios do Brasil.

Da mesma forma que a obra de Gay Talese, *A Mulher do Próximo* (1980) e outras reportagens extensas e literárias foram as modalidades jornalísticas que mais conseguiram comportar a efervescência cultural do movimento hippie e a polêmica

Guerra do Vietnã, nos Estados Unidos, *Por Trás do Megatron* busca mostrar que esse pode ser o formato que mais seria capaz de capturar toda a complexidade presente dentro dos bailes funks, no Brasil.

Por sua vez, a o livro-reportagem possui esse título por conta dos meandros relacionados ao tema que procura desvendar. O “megatron” é sinônimo de “paredão”, que são aparelhagens de som com vários metros de altura e possuem grande potência sonora. No conceito em questão, esse equipamento faz uma alusão à muralha que muitas vezes afasta muitas pessoas de uma real compreensão do que se trata o baile funk. Logo, esse livro quer que o leitor ultrapasse essa barreira.

Isso ocorre por meio das histórias das 12 fontes. Seus perfis narram histórias de vida que servem a três critérios utilizados para provocar o leitor e fazê-lo se relacionar emocionalmente com as personagens.

O primeiro deles é responder à pergunta “quem vai ao baile funk?”. Esse é o primeiro contato do leitor com o universo apresentado, após a Introdução que explica a temática. Logo, funciona de forma a inseri-lo dentro de narrativa por meio do olhar das pessoas que frequentam os bailes e o faz descobrir quem são essas pessoas.

Já o segundo, busca compreender a questão de “quem faz o baile funk?”. Com o objetivo de esclarecer quem está por trás dessa cultura, são contadas as histórias de quem organiza o baile funk, quem cria as músicas e as performa, em outras palavras, quem materializa o funk para o público consumidor desses eventos.

E por fim, sendo o critério mais profundo, a pergunta “quem é a mãe de quem vai ao baile funk?”. É possível inferir que todas as pessoas do mundo inteiro têm uma mãe, esse é um dos aspectos mais humanos e que faz de nós semelhantes. Dessa forma, são narradas as memórias das famílias de Denys Henrique Quirino da Silva e Dennys Guilherme dos Santos Franco, que morreram em decorrência da ação policial em Paraisópolis, no ano de 2019. Um caso relevante, tendo em vista à proporção que alcançou no noticiário da época, e não poderia deixar de ser abordado em um livro-reportagem que se pretende dissecar os meandros do baile funk.

3.2. Personagens

As técnicas do jornalismo literário e humanizado são utilizadas para tratar dos personagens que estão presentes no livro, transcrevendo minuciosamente as suas experiências relacionadas ao tema. A intenção é fazer com que o leitor se envolva pelas histórias retratadas no livro e que conheça “de perto” o evento, como se fosse uma vivência pessoal dele mesmo.

Sete das entrevistas ocorreram presencialmente respeitando as normas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde, com máscara, distância segura e álcool em gel. As demais ocorreram virtualmente, por meio de chamadas de vídeo.

O primeiro grupo de entrevistados são os frequentadores de bailes comuns que consistem num total de quatro pessoas. Todos foram selecionados com a intenção de trazer pluralidade à obra, com base na renda familiar, gênero e sexualidade. Duas fontes moram na periferia de fato, uma alterna entre a casa na periferia e outra na região central da cidade.

Alguns pediram para que seus sobrenomes não fossem mencionados na reportagem, por conta do conteúdo explícito que foi contado sobre uso de drogas ou por constrangimento de terem frequentado o ambiente em questão. Curiosamente, são as fontes pertencentes às classes sociais mais altas, no livro chamadas respectivamente de Gabrielly e Raquel. Os demais são Evandro e Nicolle. Optou-se por não mencionar o sobrenome de nenhum deles.

O segundo grupo é composto por especialistas, artistas e organizadores de bailes. Thiago Barbosa Alves de Souza, graduado em Música pela UNESP e doutorando em Funk pela Universidade de São Paulo (USP), é dono do *Canal do Thiagson* que tem o intuito de desestigmatizar o funk para as pessoas, combatendo o preconceito. Já deu entrevistas para diversos veículos como UOL e CNN Brasil. O capítulo também conta com Silvio Essinger, jornalista formado pela PUC-Rio e autor de *Batidão: uma história do funk* (2005). Sua participação conta com uma percepção analítica tendo em vista o amplo conhecimento que adquiriu por meio da extensa apuração que fez durante um ano para o seu livro.

Também está presente Matheus Damasceno, dono da Executivo Records e Filmes que já produziu música e clipes para MC Livinho e Mano Brown. Seu relato conta ao leitor como surge uma produtora de música funk e ainda informa sobre diversos aspectos técnicos de música e tendências desse mercado. É voltado para

a organização dos bailes está presente Joaquim Lincoln, o chefe da Equipe Mandelão, que organiza e fornece caixas de som para o famoso Baile da 17. Seus relatos trazem sua perspectiva de trabalho, como vive e entrou nesse ramo, e principalmente, informações sobre como um baile funk é feito.

Já Ruam Rodrigues da Silva é um personagem que ilustra a vida de um MC querendo ganhar a vida nos bailes. Mais conhecido como MC Ruam, o artista mora em uma comunidade em Guarulhos e se apresenta na noite da cidade de São Paulo. Durante a entrevista, ele contou sobre suas experiências, as dificuldades de ainda estar em ascensão e não ter uma carreira consolidada, e ainda uma questão particular. Ele se autointitula “o único MC que pertence à sigla LGBTQI+”. Tal questão torna-se relevante ao quebrar o estereótipo que os artistas masculinos de funk possuem, de sempre estarem com várias mulheres por exemplo. Isso contribui ainda mais para o rompimento de preconceitos e contribui para a imersão e empatia do leitor, uma vez que Ruam conta um pouco sobre dificuldades e casos de homofobia que já sofreu.

Por fim, o terceiro grupo é composto por Fernanda Santos, irmã de Dennys Guilherme dos Santos Franco, e Maria Cristina Quirino da Silva e Danylo Amilcar Quirino da Silva, respectivamente, mãe e irmão mais velho de Denys Henrique Quirino da Silva. Ambos os jovens morreram no Baile da 17, em decorrência da ação policial. Em suas histórias, suas famílias contam como foi enfrentar todo o processo desde o choque com a morte deles até o seu engajamento em manifestações pedindo por justiça e como lidam com o luto até os dias de hoje.

Por meio dos relatos dos familiares de Denys Henrique, foi possível construir um perfil póstumo, que abre o livro no capítulo inicial entre os frequentadores de bailes. Já no último capítulo, o encerramento é feito com o perfil de Maria Cristina Quirino, o que encerra o ciclo narrado pelo livro-reportagem.

Dessa forma, procurou-se transcrever vivências reais dessa realidade e tratar as fontes como verdadeiros personagens complexos num livro de não-ficção. Com as narrativas entrelaçadas de cada personagem, o enredo é extremamente

descritivo e ocorre de forma anacrônica, por meio de analepses⁵ e prolepses⁶, dependendo do perfil e contexto apresentado.

3.3. Concepções estéticas

Trata-se de um livro-reportagem híbrido, podendo ser configurado como retrato, perfil ou nova consciência baseando-se no conceito de Edvaldo Pereira Lima (2009). A estrutura não é linear. E os capítulos têm seus títulos concebidos a partir de trocadilhos com palavras que pertencem ao vocabulário musical.

No início, há uma Introdução que contextualiza o tema para o leitor e o prepara para o que será narrado. O Capítulo I se chama “Na Boca do Batidão”, criado a partir das batidas estrondosas presentes nos bailes e da boca como algo que remete a um viés sensual de “interior do baile” que é apresentado com os frequentadores. Já o Capítulo II tem como título “Graves, Faders e Sol Maior”, fazendo referência aos produtores de música funk e o “sol maior”, a nota mais aguda de todas, servindo de metáfora do sentimento dos artistas que são narrados. E o Capítulo III, é intitulado “Acordes de Luto”, sendo uma referência às histórias das famílias enlutadas pelo massacre. E por fim, há uma Conclusão, baseada na percepção geral do autor sobre tudo que foi apresentado até então.

A capa, contracapa e artes internas foram concebidas com as cores vermelha e preta para emular um aspecto soturno, por conta da crueza com o que as histórias são narradas. A palavra “Megatron” foi escrita com uma fonte específica e neon para remeter a uma pichação, uma expressão comum nas periferias.

Por conta da pandemia do novo coronavírus, a Universidade Presbiteriana Mackenzie flexibilizou as normas para entrega do produto finalizado. Não houve exigência de uma entrega física. O formato da peça é unicamente virtual. Sendo assim, o livro-reportagem foi enviado no formato online, diagramado e devidamente formatado via PDF, para a banca examinadora.

⁵ recurso temporal que permite incluir acontecimentos passados no tempo (flashback).

⁶ recurso temporal que permite antecipar acontecimentos que vão ser destrinchados na narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça jornalística produzida é eficaz ao retratar de forma crua e intensa as vivências das pessoas que circulam nos bailes funks, por conta das técnicas absorvidas do livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe. A linguagem altamente descritiva, narração cena a cena, diálogos, onomatopeias e personagens caracterizados física e psicologicamente são alguns dos conceitos que foram seguidos à risca para a elaboração do livro-reportagem. Portanto, são as técnicas utilizadas para escrever um livro-reportagem com jornalismo literário sobre baile funk e cultura das periferias.

Destaca-se também o formato orgânico com que as histórias vão se entrelaçando. Uma vivência remete a outra, tanto que foi possível agrupá-las em capítulos, permitindo um conteúdo uniforme e compacto para sustentar as concepções de conteúdo iniciais. Seja um frequentador, um artista ou uma mãe enlutada, suas vidas são extremamente afetadas por essa forma de expressão cultural, que funciona como uma espécie de catalisador de suas existências.

Conforme a previsibilidade, a maior dificuldade do trabalho foi entrevistar as famílias dos adolescentes mortos no Baile da 17 e escrever as suas histórias. São relatos intensos, cruéis e extremamente impactantes. Houve extremo cuidado ao narrar os perfis de Maria Cristina, Danylo, Fernanda e principalmente de Denys. E um ainda maior ao abordá-los. Havia preocupação em respeitar o luto e a luta deles. O resultado foi positivo, pois todos foram extremamente solícitos e absurdamente abertos a quaisquer tipos de pergunta, mesmo com a possibilidade de recusa no caso de algum incômodo.

O terceiro capítulo é eixo mais politizado da peça, visto que as personagens são engajadas em militância, manifestação política e processos jurídicos visando a punição dos supostos responsáveis pelo massacre em Paraisópolis. Entretanto, chama a atenção o fato de uma das fontes não ser “a favor” dos bailes funks. E isso remete a outro aspecto relevante deste livro-reportagem.

Em *Por Trás do Megatron* não há romantização. Tudo é muito cru. Há diversas experiências consideradas condenáveis de acordo com o código penal brasileiro como o uso de entorpecentes e drogas ilícitas narradas por alguns personagens,

embora não seja algo exclusivo deste tipo de festa. Além disso, provou-se que é um meio ainda hostil para a população LGBTQI+, visto que dois dos três personagens pertencentes ao grupo relatam casos de homofobia.

Aspectos como esses contribuem para a tridimensionalidade psicológica de todas as personagens do livro e do tema em si. Nada, nem ninguém é exclusivamente bom ou ruim e criar um debate binário nunca foi a intenção aqui.

A peça jornalística a qual este relatório se refere sempre se pretendeu a contar as histórias que a mídia tradicional dificilmente retrata com eficiência, vide obras como *Preso na Gaiola*, de Juliana da Silva Bragança, que analisam especificamente esse assunto, as constatações pessoais obtidas procurando por matérias sobre o assunto no Google e as entrevistas com os especialistas.

Em relação aos personagens envolvidos com produção de música, houve preocupação em não apenas contar a história deles, mas também de informar o leitor como é o processo de fazer uma música, traçar um panorama do cenário do funk atual no Brasil e ainda fazê-lo entender quem está por trás desses bailes.

Já os frequentadores servem como uma “porta de entrada” a esse universo. A apuração e o enfoque tiveram o objetivo de fazer deles seres humanos reais e críveis, com histórias de vida de pano de fundo, para facilitar a questão de identificação, empatia e compreensão por parte do leitor, para que ele forme sua opinião acerca do tema.

A contribuição ao jornalismo que o projeto traz consigo é a tentativa de realizar um jornalismo mais plural, aprofundado, imersivo e humanizado, contando histórias muitas vezes completamente ou parcialmente ignoradas. Sua existência se justifica em almejar a quebra de barreiras e de preconceitos da sociedade, visando a compreensão completa de temas profundos e polêmicos, no caso, do baile funk.

Surgido a partir de um mero gosto musical, por interesse em pautas culturais, políticas e sociais. E claro, paixão por jornalismo literário, este livro-reportagem se tornou um trabalho que promoveu extremo aprendizado e experiência nas técnicas de apuração empregadas, na desenvoltura durante as entrevistas e nas maneiras de se escrever uma reportagem mais extensa.

Consideram-se válidas algumas possibilidades futuras de aprofundamento de pesquisa em outros níveis de educação continuada, como uma pós-graduação por exemplo. E eventualmente, após essa continuação, a publicação do livro-reportagem. Afinal, trata-se de uma área que necessita ser estudada constantemente diante de sua complexidade para que as abordagens jornalísticas sobre o tema sejam cada vez mais precisas e façam jus ao interesse público.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline. SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. *Jornalismo humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico*. 2008. Artigo científico (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, PR, 2008.

BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção comunicação)

BESCHIZZA, Christian Barcelos Carvalho Lima. *Funk carioca: surgimento e trajetória no século XX*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2015.

BEZERRA, Júlia. REGINATO, Lucas. *Funk: a batida eletrônica dos bailes cariocas que contagiou o Brasil*. São Paulo: Panda Books, 2017.

BRAGANÇA, Juliana da Silva. *Preso na gaiola: a criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil*. Curitiba: Appris, 2020.

CHAGAS, Inara. *Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas*. Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>. Acesso em: 13 set 2020.

CYMROT, Danilo. *A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica*. Dissertação de Mestrado (Direito Penal). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2011.

DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. *Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga do new journalism*. Universidade de São Paulo. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde23072009204119/publico/2155390.pdf. Acesso em: 20 nov 2020.

DOCUMENTÁRIO VERDADE MOSTRA OS BASTIDORES DE UM BAILE FUNK. São Paulo: Rede TV. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NHKVCWVTakU&t=337s>. Acesso em 05 set 2020.

ESSINGER, Silvio. *Batidão: Uma História do Funk*. Independente. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

FACINA, Adriana. *“Não me bate doutor”: funk e criminalização da pobreza*. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2009.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, SP. Editora Globo, 5ª Ed, 2008.

FLU014: OS ROLÊS DA QUEBRADA (DOCUMENTÁRIO COMPLETO)
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nvmlDym3mnU>> Acesso em 25 out 2020.

FONTANA, M. Literatura e Jornalismo – *Fato e ficção em Abusado e Cidade de Deus*. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/7096/1/arquivo1787_1.pdf>. Acesso em 7 nov 2020.

GAY TALESE - 20/07/2009. Direção e Produção: Roda Viva, TV Cultura. São Paulo: TV Cultura, 2009. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wJSDNmhoLhE>>. Acesso em: 13, Mar, 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *As raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

LOPES, Adriana Carvalho. *Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011.

LOPES, Adriana Carvalho. *A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca*. Artigo de periódico. (Graduação de Letras) - Universidade Pública de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, 2009.

MARTINEZ, Monica. *Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada*. Pós-doutorado (Estudos em Jornalismo e Mídia) – Universidade

Metodista de São Paulo. São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2009v6n1p71/10418>> Acesso em: 28, Maio, 2021.

RITTER, Eduardo. *New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura*. Artigo científico. Rizoma, Revista do Departamento de Gestão e Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, RS, 2013.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. *A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico*. Universidade Federal de Paraíba. João Pessoa, PB, 2010.

SOUZA, Thiago Barbosa Alves. *Canal do Thiagson: olhar de artemídia musical sobre o funk e a musicologia como entretenimento*. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, 2019. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182103>> Acesso em: 27, Maio, 2021.

TALESE, Gay. *A Mulher do Próximo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VEJA DETALHES DA INVESTIGAÇÃO QUE DENUNCIOU 12 PMS POR MORTES EM BAILE FUNK DE PARAISÓPOLIS. G1, São Paulo, 25/07/2021. Fantástico, G1. Matéria de TV exibida no dia 27/05/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/vejadetalhesdainvestigacao-que-denunciou-12-pms-por-mortes-em-baile-funk-de-paraisopolis.ghtml>>. Acesso em 07, Ago, 2021.

VILAS BOAS, Sergio. *Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Summus, 2007.

VIANNA, Hermano. *O Baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. Tradução: José Rubens Siqueira; posfácio Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.